



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

ESCREVIVENDO COM FOLAIYAN: ENCRUZILHADA DE ENCRUZILHADAS

WRITING-LIVING WITH FOLAIYAN: CROSSROADS OF CROSSROADS

Cláudia Rocha David

Yamoro e Yakekere da Nação Muzunguê da Comunidade Kilombola Morada da Paz, Agdebeméji (representante legal) da CoMPaz, bacharel em Ciências Sociais, Licencianda em Ciências Sociais e Educadora da Escola ComKola Kilombola Epé Layiè. Triunfo, RS, Brasil. Contato: moradapaz@gmail.com

Luiza Dias Flores

Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Amazonas e do PPGAS/UFAM. Doutora em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ) e Yaô da Nação Muzunguê. Manaus, AM, Brasil. Contato: luizaflores@ufam.edu.br

Resumo: Esse artigo é fruto de uma escrita em encruzilhada, desenvolvida através de uma série de diálogos entre Ómò Ayó Òtunjá (nome da primeira autora) e Folaiyan (nome da segunda autora). Ambas formadas em Ciências Sociais pela UFRGS, sendo a primeira uma mulher negra e Yakekere/Yamoro e a segunda uma mulher branca Yaô da Nação Muzunguê, prática ritualística de matriz africana vivenciadas na Comunidade Kilombola Morada da Paz. Por meio das diferenças que nos constituem, iniciamos um processo de escrita que derivou na apresentação desse artigo. O artigo trata, sobretudo, da trajetória de Ómò Ayó Òtunjá enquanto sujeito coletivo que se constitui na vivência da espiritualidade, seguida de uma descrição sobre sua relação com a Universidade, espaço formal de educação superior, e com a Multiversidade, projeto desenvolvido no interior da Comunidade Kilombola Morada da Paz que implica uma série de vivências de encontros de saberes.

Palavras-chaves: Escrevivência. Educação. Quilombo. Encruzilhada.

Abstract: This article is the result of writing at a crossroads, developed through a series of dialogues between Ómò Ayó Òtunjá (nome da primeira autora) and Folaiyan (nome da segunda autora). Both graduated in Social Sciences from UFRGS, the first being a black woman and Yakekere/Yamoro and the second a white woman Yaô from the Muzunguê Nation, ritualistic practices of African origin experienced in the Kilombola Community Morada da Paz. Through the differences that constitute us, we started a writing process that resulted in the presentation of this article. The article deals with the trajectory of Ómò Ayó Òtunjá, as a collective subject that constitutes the experience of spirituality, followed by a description of her relationship with the University, a formal space of higher education, and with Multiversity, a project developed within the Kilombola Community Morada da Paz that implies a series of experiences of knowledge meetings.

Keywords: Writing-living. Education. Quilombo. Crossroads.

Começamos a elaborar esse artigo a partir de uma primeira ideia que nos parecia interessante. Pensar uma escrita que cruzasse perspectivas e histórias de vida de uma Yamoro, Yakekere e estudante de Ciências Sociais negra e uma yaô e professora universitária branca sobre a Universidade e a Multiversidade, projeto desenvolvido no interior da Comunidade

Kilombola Morada da Paz/RS. O desenrolar das nossas conversas e da escrita encaminhou a proposta para outro rumo. Devido ao curto espaço de tempo para a escrita, que implicou em diferentes temporalidades experimentadas para a composição de um texto, optamos por dar enfoque à trajetória de Ómò Ayó Òtunjá (Cláudia Rocha David), pela importância da sua vivência e narrativa. Folaiyan (Luiza Dias Flores), yaô, fez-se no texto como uma interlocutora, mediadora entre a forma oral e a forma escrita, provocando questões e descrições. Participamos da construção desse texto, mas não da mesma forma.

Escrevemos juntas, mas nem por isso experimentamos o mundo, nem o texto, do mesmo modo. Não temos por intuito “resolver”, no sentido de diluir, nossas diferenças. Tampouco queremos que uma escrita se sobreponha a outra, no sentido de validar ou totalizar qualquer argumento ou estilo narrativo que nos constituem. Queremos fazer das nossas diferenças a potência de uma escrita compartilhada, fruto de conversas, entre textos e trocas de áudio, compreendendo-a como a possibilidade de sentipensar uma com a outra (e com tantos outros seres, vivências e devires que nos constituem). Esse artigo é um dos efeitos possíveis dessa partilha.

Somos participantes da Nação Muzunguê, práticas ritualísticas de matriz africana desenvolvidas na Comunidade kilombola Morada da Paz, e somos Cientistas Sociais, ambas formadas pela UFRGS. A Comunidade Morada da Paz, espaço que permitiu nosso encontro, é uma comunidade espiritual afrobudígena, pois mescla elementos das religiões de matriz africana, do xamanismo mbyá-guarani e do budismo tibetano mahayana. Está situada na zona rural do município de Triunfo e é composta majoritariamente por mulheres negras. Foi na Morada da Paz que as entidades que regem a comunidade, sobretudo a mãe de todos, Mãe Preta, e o pai de todos, Seu Sete, recuperaram saberes ancestrais nomeados como Nação Muzunguê. Ómò Ayó Òtunjá foi uma das fundadoras da comunidade e eu, Folaiyan, cheguei à comunidade através da Universidade, em 2015, para a escrita de uma tese de doutorado¹. Relação esta que tenho nutrido desde então.

Foi Mãe Preta quem orientou Ómò Ayó Òtunjá para a escrita de um artigo. Assim que soube dessa orientação, me prontifiquei para auxiliar na construção, dando início a produção deste texto que entendemos, ele mesmo, como uma encruzilhada. As encruzilhadas cumprem

¹ FLORES, Luiza Dias. *Ocupar: composições e resistências kilombolas*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

um papel central no pensamento das religiões de matriz africana. Aprendemos com Anjos² (2006), que reconta essa noção de encruzilhada a partir de sua experiência com o pensamento afro-religioso, de que seria um modo particular de lidar com a diferença, enquanto diferença, sem supor a diluição dos heterogêneos em relação. De modo análogo, nosso pai, Exu-Rei, também conhecido por Seu Sete, nos ensina, que a encruzilhada é lugar dos encontros entre caminhos, seres e energias, das passagens, das possibilidades e, por isso mesmo, também dos perigos que nos demandam cuidado e atenção.

Nem toda energia que passa na encruzilhada nos faz bem. Para filhas e filhos de Seu Sete, Exu que guia o caminho da Comunidade Morada da Paz, a encruzilhada é o lugar do constante fazer e desfazer relações com seres e forças que podem servir ao nosso fortalecimento ou enfraquecimento: “*na minha encruzilhada quem manda sou eu, eu faço e desfaço em nome de Exu-Rei*”, faz parte do *orin*, canto sagrado, que entoamos para Seu Sete. Há ali um pragmatismo da encruzilhada que é, também, o espaço onde nos fazemos enquanto sujeito coletivo.

Partimos dessa noção de encruzilhada para designar esse experimento de escrita. Mas a encruzilhada carrega muitas possibilidades imagéticas. Isso ficou muito evidente nos primeiros *ipadês*, como a Comunidade Morada da Paz nomeia as rodas de conversa, que tivemos para a construção desse texto, pois duas imagens nos atravessaram. Enquanto eu trouxe como imagem da encruzilhada um “X”, Ómò Ayó Òtunjá trouxe o “T” como outra imagem possível. A imagem da encruzilhada em “X” constitui um pouco do esforço aqui empreendido, cada uma de nós representada por uma das linhas em cruzamento, cujo ponto de conexão constitui esse texto. Anjos³ também nos trouxe isso em seu trabalho, estabelecendo uma diferenciação para entre a Encruzilhada (+ e X) e o cruzeiro (T), cada qual morada de certas entidades e que tem designações e trabalhos específicos. Para a Nação Muzunguê também há diferenciações. A encruzilhada em T é a morada das pombas-giras, que manifestam a força do feminino e que honram e nos ensinam a honrar a temporalidade da vida através da beleza.

*Rainha tem a cabeça coroada e vem girando com sua saia rodada
Exu venha ver a sua gargalhada, mas ela é a Rainha da encruzilhada.*

² ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Território da Linha Cruzada: a Cosmopolítica Afro-Brasileira*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2006.

³ ANJOS, 2006.

A encruzilhada em “T” permite descrever o que queremos aqui apresentar. A base do T, a reta vertical que conduz à reta horizontal, implica a trajetória individual na relação com a Comunidade Morada da Paz, ou seja, a constituição do sujeito enquanto um sujeito coletivo. A reta horizontal implica uma distinção arbitrária que fazemos entre a Universidade e a Multiversidade, enquanto dois polos de uma mesma reta, sentipensados desde a relação com a Comunidade Morada da Paz.

Ao longo de nossas conversas, Ómò Ayó Òtunjá e eu entendemos por Universidade uma instituição legitimada socialmente como um espaço de formação e especialização cujas bases e premissas estão assentadas nos saberes colonialistas⁴. A Multiversidade dos Povos da Terra, projeto inicial desenvolvido a partir da Comunidade Morada da Paz de conexão entre saberes de diferentes povos (indígenas, quilombolas e de terreiro), tem o intuito de ser um espaço contracolonial de base comunitária. Não queremos estabelecer uma oposição, entre a Universidade e a Multiversidade, sabemos bem o tamanho que cada uma possui e aquilo que nos fornecem. Porém, ao distingui-las como polos de uma mesma reta, fazemos sentir suas diferenças e, quem sabe, possamos sonhar outras possibilidades de relações com esses espaços/projetos. Um pouco disso que Ómò Ayó Òtunjá nos permite acompanhar com sua trajetória.

Uma conversa derivada em escrita

Na encruzilhada é preciso olhar para todos os lados. Você não vai poder ter só uma perspectiva de olhar, é preciso ter várias. Porque Seu Sete é Exu e, falando de Exu em uma concepção afro-religiosa para a Nação Muzunguê, é como aquela brincadeira do chapéu: ele passou e eu vi que era chapéu vermelho, enquanto outra pessoa diz que era chapéu branco. Mas pode ser chapéu branco e vermelho ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Assim pensamos essa perspectiva do olhar.

A encruzilhada não nos faz ficar bitoladas olhando apenas para um ponto de vista, nós precisamos fazer aquela virada do pescoço tal como a coruja. Essa virada do pescoço, ou o olhar da águia que abaixa, que levanta, que voa devagar, sabendo onde quer chegar. E não ter

⁴ Citamos um trecho do livro de Antônio Bispo dos Santos: “Falo da tentativa de desmantelamento e de substituição compulsória dos saberes tradicionais, transmitidos oralmente de geração a geração, por meio da imposição dos saberes acadêmicos transferidos através da linguagem escrita.” SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos – modos e significações*. Brasília: AYÔ, 2019, p. 52.

medos dos desafios, pois a encruzilhada nos coloca em muitos desafios. Quando você está numa encruzilhada levando um *ebó*⁵, fazendo uma obrigação, você nunca vai só, pois se você está abaixada fazendo algo da ritualística, tem outros que estarão junto contigo e esses outros também são o seu olhar, são seus olhos, pois estão ali pelo mesmo propósito. Não estamos sós.

Conheci a semente de uma grande árvore que hoje é Folaiyan quando chegou em nossa Comunidade Kilombola Morada da Paz para fazer sua tese de doutorado. Em um *ipadè* tenso com as *Yas*⁶ do território, ao qual eu já estava como Yamoro/Yakekere da Nação Muzunguê, fizemos a pergunta, que jamais esqueceremos: você está disposta a morrer? Porque em nosso Território, não há nada sobre nós sem nós, pois precisamos garantir que quem escreve sobre nós precisa entrar em nosso mais íntimo universo espiritual, cotidiano e dos princípios que nos orientam e sustentam enquanto Nação Muzunguê. Percebemos que essa filha respondeu bem ao chamado/pedido e com o passar dos tempos de mergulho, seu Sangô responde e firma o passo para que tudo flua com serenidade e ela consiga chegar em seu objetivo inicial: escrever sobre nós.

Entrou na Irmandade da Nação Muzunguê respeitando os fundamentos em que estamos assentados. Enquanto uma Ya desse território, ser pesquisada, assim como meu povo, nossa história, nossa espiritualidade foi no primeiro momento muito estranho e, por isso, não mostrava muito os dentes. Acredito que o respeito, a escuta e atenção às falas das Yas e Babas foi a grande transformação e aproximação dessa mulher, hoje antropóloga, que nos inspira a escrever juntas nessa encruzilhada, em que a vida nos desafia a expor um pouco de nós, do Terreiro à Universidade, sob os auspícios de Exu, Seu Sete, nosso pai. Assim, chamei esse processo de “Escrevivendo com Folaiyan”.

Escrevivendo com Folaiyan faz Ómò Ayó Òtunjá mergulhar na escrevivência de Conceição Evaristo⁷ que ela chama da escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida, do seu povo. Assim, Folaiyan e eu, resolvemos aqui desafiar a escrita que vem da espiritualidade, mas que também vem da Universidade – que muito me inquieta com suas formas de olhar e colocar os sujeitos de um jeito que não me deixa à vontade enquanto negra, mesmo com todas as cotas e direitos para a permanência na Universidade.

⁵ Ebó é o ofertório, o alimento sagrado para o Orixá.

⁶ As mães sagradas que zelam e cuidam pelo território.

⁷ EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

Hoje, percebo e sinto que a Universidade é uma porta que se abre, mas a Multiversidade dos Povos da Terra são portas/janelas que lutamos para se manterem abertas, pois são os saberes e fazeres tradicionais que nutrem as nossas experiências e trocas por uma longa légua da vida. A Multiversidade possibilita um diálogo constante, de nos olharmos, povos olhando uns aos outros, estrategizando juntos.

Sou exatamente essa força

“A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da Casa-Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”

Conceição Evaristo

Nasci em 1972, um inverno agostino e com certeza muitas coisas aconteciam no mundo, pois vivíamos uma ditadura. Não senti os impactos com consciência, mas desafiei minha própria história enquanto espírito que chegava à terra no ventre que me acolheu, da ilustríssima senhora de quem sou eternamente grata, chamada Iara Rocha David, e de alguém que foi muito importante, que guardou essa semente tão especial, chamado num tempo pretérito na mãe terra de Eliseu de Souza David – por quem expresso também minha profunda e eterna gratidão (*in memoriam*).

Venho de uma família de bruxas e de algumas bem recorro de ouvir minhas tias falarem: a Tia Cema, que talvez tenha sido a mais atuante de toda a geração dela e da própria família. Lutava às escondidas para fazer suas bruxarias com seu livro preto de São Cipriano, que acredito ter sido um grande companheiro naquela época.

Recordo-me ter crescido distante de saber a história de Tia Cema, mas como tudo era segredo de todas as mulheres, principalmente, pois sempre foram muito mais elas que eles. Até mesmo os nascimentos sempre foram mais de meninas, acredito que isso era sinal de alguma coisa que já estava escrito nas estrelas e no *odú*⁸ daquelas pessoas que residiam em uma rua no bairro Partenon.

Alguma missão me aguardava em um tempo que não tinha pretensão de ficar imaginando o que seria. Bem sei que minha infância foi entre visões de vultos, inquietações com as mentiras, com as maldades que acredito ter acontecido naquela época, em que as pessoas

⁸ Caminhos e destinos das pessoas.

faziam certas coisas e parecia estar tudo sob controle de algo que não era olhado, problematizado, dialogado e encarado como uma verdade verdadeira para um povo preto, de *asè* negado.

Cresci convivendo com isso, sendo levada a encarar a vida acreditando naquilo que não sabia de onde poderia vir. Quando a geração que nascia comigo, de primas e irmãs, trouxeram os Orishás para fortalecerem aquele lugar, assim acredito, fortaleceram aquelas pessoas. Trago isso pelo fato de uma prima começar a manifestar Pomba Gira Menina, que já chega com seu *asè* de fala, com intuito, acredito, de auxiliar nas feitiçarias que aquelas mesmas pessoas que ali residiam estavam envolvidas, sejam conscientes ou não.

Com o passar dos tempos, nos diálogos que tinha com a Pomba Gira Menina, começou os desmanches de alguns feitiços e o recebimento de algumas orientações que, aparentemente, havia acalmado tudo que ela havia acordado, despertado, em nós. Precisávamos daquelas orientações, daquele processo para nos acalmar, mesmo trazendo coisas densas que nem nós entendíamos.

Isso acontecia por volta de 1989-1991 período em que me preparava para alçar outros voos enquanto pessoa que já trabalhava e estudava. Queria “pegar os alfarrados”⁹ e ir para o mundo, que não era mais junto da família nuclear. Enquanto mulher negra ansiava por “*deixe me ir, preciso andar, vou por aí... rir pra não chorar*” (Cartola). Sentia-me com esse pensamento, mas tinha como meu guia e protetor/orientador Pai Ogum Beira Mar, um Orishá de força do amor, do cuidado, do zelo, da guerra, da estratégia que me orientava, desde menina, quando frequentava a sessão de Dona Marcela e de Delmira de Sango Aganjú que foi uma iniciação para a minha geração, na qual estávamos comprometidas até o último fio de cabelo.

Lembro até hoje do orin de Ogum Beira Mar:

*“Mas Ogum veio de Aruanda, nanaioà,
Ogun veio de Aruanda nanaioá...”*

Como reconhecer isso tão jovem, saber que o orishá auxiliava para que cometesse menos equívocos no meu percurso na terra, não sei, mas acreditava e fazia tudo o que me era

⁹ Venho de uma família de muitos provérbios trazidos pelas mais velhas: pegar as trouxas, pegar alfarrados ou cacarecos e ir para o mundo.

orientado. E assim segui, e hoje reconheço que nossa Mãe Preta já estava guiando meu caminho até o que sou hoje.

Em 1999 conheço o Cosmos – Grupo de Estudos e Aplicabilidade da Paranormalidade e Mediunidade, que era onde deveria ter chegado. Guiada por Olupejé, hoje Egbomi da Nação Muzunguê, cheguei, onde todas as terças-feiras, lua de Sangò, me fazia presentemente presente, seguindo com confiança o que me orientavam. Ali parecia tudo muito familiar, o que me deixava muito confiante.

Coração aberto, sem pretensões, assim segui dos trabalhos em que era orientada até o curso básico no Grupo Cosmos. Podem acreditar, isso mudou minha vida enquanto pessoa. Na época morava com um homem que convivi por 10 anos e, com essa nova trajetória de reaprendizado enquanto espírito, rompo com esse convívio e me entrego para um novo jeito de ser e de viver.

Quando vira o milênio, Exu Caveira tem a permissão de dialogar com meu *ará*¹⁰ manifestando seu asè de proteção, sustentação e limpeza, colocando a serviço da vida essa mulher negra que se permite andar com a Pomba Gira Rainha, Ogun Beira Mar, Cosme e Damião, Oxum e, sim, fazer o *foribalé*¹¹ para Seu Sete e Mãe Preta com gratidão e respeito. Nossa Yialasè sempre viu e acreditou que esse dia chegaria, pois, seus olhos são de uma águia atenta e confiante em seu coração.

A entrega e a disponibilidade revelaram o que sou hoje desde o momento em que nossa Yaba Ancestral Mãe Preta pergunta: o que o mundo precisa? Respondi: de clareza. Então passei a ser guardiã da Clareza, sem muito entender, mas confiava. Era o que meu coração respondia, mais do que meus lábios com suas palavras. Isso tudo acontecia por volta de 2001-2002. Com o passar dos tempos que orishás nos orientavam fomos trabalhando juntos e por volta de 2009-2010 recebi a guardianship de Gratidão. Também sem entender muito o que era na sua profundidade, mas sempre confiando.

Em 2014-2015 desperta Yamoro¹², que continua dedicada, atenta, confiante na força da nossa Nação Muzunguê da Comunidade Kilombola Morada da Paz e do zelo e cuidado com nossa Yialasè. Sou uma guardiã aprendiz, zeladora e cuidadora do Território de Mãe Preta.

¹⁰ Termo iorubá para corpo.

¹¹ Quando fazemos o juncó: ajoelhar-se em sinal de reverência, entregando o nosso ori (cabeça) à terra para o Orishá.

¹² Yamoro é um nome, mais do que uma função. É aquela que cuida de todos os elementos de Exu, aquela que cuida do terreiro, da organização do terreiro.

Nesse tempo já estou sendo preparada para o próximo passo espiritual. Por volta de 2016-2017, YIakekerê da Nação Muzunguê me é revelado, sou abençoada e consagrada como a Mãe Pequena que zela e cuida junto com nossa Yialasé e todas as Yas e Babas do território, período em que fomos fazer nosso caminho de consagração na Índia com nossa Yialasé Yashodhan para entender um pouco da nossa história e a tessitura das matrizes afrobudígenas que compõem nossa Nação Muzunguê.

Sinto que a força da Comum Unidade e as mãos dadas com todos os espíritos de luz são o que nos guia e fortalece para que possamos ir adiante naquilo que acreditamos enquanto seres humanos que somos e estamos abertos para o serviço da vida.

Desde 2020 estamos vivendo um Sahur¹³ e que precisamos capilarizar nossa história em outras terras, tal como Cachoeira/BA. Cachoeira é uma cidade histórica, heroica e monumento nacional aonde nossa Yialasé se movimenta para fazer o que tiver que ser e será. No território de Mãe Preta em Vendinha/RS os processos continuam e as Yas e o Babas ganham suas *diginas* (nomes espirituais) no dia de celebração do nosso Ano Novo Solar, que nos emociona profundamente. Assim nasce Ómò Ayó Òtunjá, aquela que carrega a alegria da criança depois e depois de amanhã. Sou exatamente essa força.

O caminhar na Universidade

Sua

cabeça pensa

*aonde seus pés estão fincados. (Ocupação
Conceição Evaristo)*

Laroyê, Exú. Falando em nosso Pai, esse orin “na minha encruzilhada quem manda sou eu, eu faço e desfaço em nome de Exú Rei” muito me inspira a refletir sobre as encruzilhadas de saberes e fazeres que nos desafiam também a melhorar enquanto seres vivos, humanos, espirituais. Mulheres e homens que educam e reeducam num constante ir e vir das relações com a Comunidade, Multiversidade e Universidade.

A vida tem mistérios e nunca sabemos quando vamos chegar nos espaços, quando o mundo nos chama. Em 2003, venho para a comunidade. A comunidade é constituída e nos

¹³ Momento que nossa Yialasé precisa passar por mais uma etapa iniciática.

preparamos para que tenha um estatuto, para que as coisas possam estar fortalecidas, estar de uma forma em que a espiritualidade, o jeito de ser e de viver que acreditamos, possa ter materialidade.

Em 2003 eu faço o vestibular na UFRGS, para Educação Física, e neste mesmo ano faço vestibular na UNISINOS¹⁴, para Secretariado Executivo bilíngue. Naquele momento pensávamos que precisávamos entrar na Universidade. E nesse momento eu passo na UNISINOS. Fui fazer secretariado executivo, pois naquela época também queríamos que tivéssemos uma secretaria, um espaço diferente, que hoje tem o nome de Ekogestão¹⁵. Queríamos uma secretaria do campo, Ekogestão do campo, que fosse algo diferente. Conseguimos realizar isso, mesmo eu não tendo concluído o curso. Quando eu entro na Universidade me deparo com um curso em que eu olhava para todos os lados e via só mulheres. As professoras e as colegas são todas brancas, com um jeito de vestir, de comunicar e eu, em algum momento, me senti desconfortável. Não tinha um olhar crítico, mas olhava e entendia que aquilo queria dizer alguma coisa.

Consegui bolsa de estudos que pagava quase toda a Universidade. Foi um momento importante dentro da UNISINOS. Foi um ensino diferenciado, uma Universidade com vários recursos, por ser particular. Fiquei lá até 2005, mais ou menos 4 semestres. Saí, pois vivia uma turbulência espiritual, um desalinhamento. Em seguida eu engravidei, neste mesmo período. Foi um período de gestação, de uma turbulência emocional, de um desalinhamento, de desconforto e também de uma desconexão com o território da Comunidade. Sai do território nessa mesma época.

Depois, quando eu retorno para o território, em 2006, começo um processo intenso. A Iasmin, minha filha, nasce em fevereiro de 2006 e comecei a repensar como seriam as coisas. Para eu chegar nas Ciências Sociais foi uma série de conversas com a nossa Yalase Yashodhan sobre qual curso seria interessante. Algo que pudesse abrir a mente, me fazer navegar, pensar outras coisas. Quando a UFRGS abre as inscrições, eu me inscrevo para as Ciências Sociais. Foi um tempo em que eu me preparei num processo de dedicação e foco para o vestibular. Pois quando eu entrei na UNISINOS, eu me preparei através dos cursinhos populares, no Satélite Prontidão que é uma associação do povo negro, dos clubes sociais do povo negro. Lá os

¹⁴ Universidade do Vale dos Sinos.

¹⁵ Espaço de diálogo coletivo sobre como os recursos gerados dentro do território possam ser de todos. Um espaço para geração de tudo, para cuidar das necessidades de todas as pessoas, sejam elas básicas ou não. Um movimento da Comum Unidade.

professores todos eram negros e os colegas também e aquilo me deu um gás para entrar na UNISINOS. Foram processos muito importantes.

Fiz o vestibular. Me inscrevi, pedi isenção para ter a possibilidade de entrar, pois não tinha recurso para a inscrição no vestibular. As inscrições nunca foram baratas, sempre tivemos que batalhar para ter os recursos e estar nos lugares. Consegui isenção e me preparei toda. Nesse período do vestibular da UFRGS, chegamos à conclusão de que faríamos Sociologia, Ciências Sociais, que seria importante ter uma socióloga dentro do território. Mas nessa época também me inscrevi em outros vestibulares. Me inscrevi na UNISC para fazer Administração. Acabei passando nas duas. Mas quando saiu o resultado da UFRGS foi uma alegria imensa. Foi um processo muito bonito: “eu consegui chegar!”. Nós estamos sempre no “esin kan o pe, o ye”¹⁶. Sou alguém que sempre estudou em escola pública, das escolas do morro, da escola Afonso Guerreiro Lima, da escola Protásio Alves, desses lugares onde estão os povos das vilas¹⁷ próximas estudando ali. E entrei na UFRGS através das ações afirmativas. Foram momentos muito bonitos.

Entro na UFRGS em 2010, e foi algo muito importante. Importante porque eu conseguia ver poucos colegas negros, mas que já me deixavam em uma outra condição, pois eu vinha de outra experiência na UNISINOS, onde todos eram brancos e eu era a única negra sentada numa sala de aula. Mas na UFRGS não me foi tão estranho. Também houve outros acontecimentos ao longo do processo. Eu comecei a refletir sobre como estudar enquanto trabalhava. E eu precisava compor: trabalhar o dia todo e estudar a noite, ir e vir para a Comunidade (cerca de 60km de distância de Porto Alegre), a Iasmin ainda pequena... Havia uma série de detalhes que eu precisava estar atenta e cuidando, já não era mais apenas eu, Ómò Ayó Òtunjá pela Ómò Ayó Òtunjá. Havia a comunidade e alguém que saiu de dentro de mim que estava muito implicada – isso que as vezes é muito umbilical da criança com a mãe e vice-versa. Era algo que eu precisava compor, junto com a comunidade e com todas as coisas que sempre fizemos.

Entre na UFRGS quando eu tinha uns 33/34 anos e eu sentia um pouco de dificuldade. Não entendia porque os professores explicavam as coisas daquele jeito. Por que precisava ser daquele jeito? Tinha algumas disciplinas que eu gostava bem mais, outras que não conseguia

¹⁶ Essa expressão sai de nossos lábios quando sentimos que não podemos parar e que é preciso continuar a remar para encararmos os desafios cotidianos com fé e confiança que temos em nossos Orixás e que não vamos nos afastar daquilo que acreditamos e cultuamos – as nossas divindades, o nosso jeito de ser e viver kilombola.

¹⁷ Espaços que concentram mais o povo negro da periferia.

gostar. Eu tinha um sentimento de que eu queria fazer coisas com que eu pudesse compor. A nossa Yialasè Yashodhan sempre disse que nós precisávamos ler. Precisávamos ler, nos esforçar para não ficar apenas dentro da Universidade. É assim tal como na escola: na escola não aprendemos tudo. Por isso, precisamos nos esforçar para aprender outras coisas.

As brigas dentro da Universidade começaram quando todos os meus trabalhos realizados nas disciplinas falavam sobre a Comunidade. Eu recebia críticas às vezes bem ferrenhas dos meus colegas em relação a isso. Diziam que eu queria aparecer e mostrar o lugar de onde eu venho. E os professores também, solicitavam que eu escrevesse sobre algo que eu estivesse distante daquilo que eu queria pesquisar e falar. Mas eu dizia que eu não queria estar distante, pois dentro eu também observo coisas e que penso serem importantes de falar e compor com outros autores. Precisava falar disso que quero falar. Isso aconteceu da metade do curso a diante.

No início, porém, eram coisas mais direcionadas. Fiz uma pesquisa na ONG Maria Mulher que foi uma das primeiras que realizei. Procurei para essas pesquisas territórios em que eu me enxergava. Por isso, eu queria estar nesses territórios, tal como a ONG Maria Mulher, que trabalha com violência contra as mulheres negras e faz uma discussão sobre a Lei Maria da Penha. Lembro também que fui fazer pesquisa no Quilombo Morro Alto. Um quilombo que vivia alguns processos em que algumas pessoas quilombolas queriam vender as terras para pessoas que não tinham nada a ver com a comunidade e com a sua história. Eu me envolvi escrevendo com colegas na época sobre as narrativas dos moradores.

Depois comecei a buscar temas de dentro do Território Morada da Paz e comecei a escrever sobre empreendedorismo sócio comunitário, sobre as brincadeiras e o brincar. Também sobre a trajetória e identidade das pessoas dentro do território. Mas eu precisava saber o que eu gostava nas Ciências Sociais, o que eu poderia levar de dentro do território para o curso. Quando começaram as críticas sobre o que eu levava de dentro do meu território para lá, precisei brigar com o professor, dialogar com os colegas, defender aquilo que eu acredito. Por ser uma quilombola, estar dentro do quilombo, viver o que eu vivo, foram discussões que eu fui percebendo, fui sentindo enquanto mulher negra. Alguns momentos me deixaram muito chateada. Eu conversava com nossa Yialasè Yashodhan, dialogava com ela sobre a Universidade, sobre os dilemas, sobre a escrita... Escrever nunca foi algo muito tranquilo. Não é algo que está dado. Escrevo, posso escrever, mas não é algo assim trivial.

Mas eu cheguei ao TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Depois de viver todas essas coisas, de ter que defender aquilo que eu queria escrever sobre a comunidade, de dizerem constantemente que o pesquisador não pode estar tão próximo daquilo que ele quer pesquisar, falavam dessa questão da “escrita romântica”, inclusive. Eram comentários que eu também não entendia e buscava junto com nossa Yalásé Yashodhan como “fazer a volta” e escrever sobre aquilo que queremos escrever e pensar. Ela foi a minha orientadora antes de qualquer orientador. Foi algo que me levou a pensar a escrever sobre o brincar e o aprender dentro da comunidade kilombola Morada da Paz através do diálogo com os moradores, com as pessoas, com as crianças¹⁸.

Em um primeiro momento, uma das primeiras professoras não quis me orientar porque o brincar não era seu tema de pesquisa. Então ela mesmo me indicou uma outra pessoa que me orientou. Conseguimos fazer um diálogo, conseguimos escrever sobre o brincar e o aprender. O trabalho de conclusão abriu para o termo etnoludicidade, nomeia o jeito de brincar das comunidades tradicionais, que tem seus jeitos próprios de se relacionar com as brincadeiras e os brinquedos.

E quando eu pensei que acabou, que eu iria fazer a formatura e não faria mais nada dentro da Universidade, Mãe Preta disse que eu precisava continuar, precisava fazer o mestrado. O mestrado foi algo muito dolorido. Todas as provas na Antropologia, todas, achava que havia conseguido, mas não conseguia passar, não conseguia alcançar, não conseguia adentrar. Depois Mãe Preta trouxe que talvez não queiram pessoas negras dentro da Antropologia. Como se fechassem as portas. Foram processos de ter “esin kan o pe, o ye” e nossa Yalásé sempre junto e dialogando para pensar estratégias. Então Mãe Preta trouxe a orientação de que eu faria a Licenciatura, porque nós temos a Escola Comkola Kilombola Epe Laiye¹⁹ e precisamos preparar os nossos, o povo de dentro da comunidade, para serem os Educadores, os “professores” como a Universidade diz. Por isso, eu precisaria continuar nesse curso, nas Ciências Sociais, mas na Licenciatura. Para ser professora, uma Educadora dentro do território.

Entrei como diplomada em 2017/2018 novamente na Universidade para fazer a licenciatura. Agora a estou concluindo. O curso tem sido importante para entender que tipo de professor a licenciatura prepara e como está a educação de modo geral. Agora estou educadora

¹⁸ DAVID, Cláudia Rocha. *Etnografia da infância e vida em comunidade: brincar e aprender*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

¹⁹ Escola comunitária que vem na contramão do que a maior parte das escolas propõe. Primeiro ela está dentro da comunidade kilombola e todos os educandos vivem os ciclos do kilombo. Diferente de outros kilombos, onde as escolas são escolas do Município que atendem os estudantes do kilombo.

dentro do território e trabalhando o que eu aprendi na Sociologia, na Antropologia, de estar junto e fazer junto esse movimento de ensinar e de escutar. Durante a licenciatura, fui fazer o estágio. Faço o estágio 1 e entro na escola, no ensino médio com jovens. Na Comkola eu trabalho com crianças e jovens. São espaços muito diferentes.

Entre a Universidade e a Multiversidade

Na construção coletiva e em unidade:

A Multiversidade Mãe Preta dos Povos da Terra é assim denominada com o intuito de salientar que não existe uma Uni-versidade, ou seja, um saber único e instituído, dotado de capacidades de dizer a verdade sobre as coisas. Trata-se de um espaço aberto à experimentação e diálogo com as múltiplas formas de viver e saber, desde as bases e as ancestralidades dos povos em suas diversas formas e tradições. Saberes estes que não estão desconectados das vivências, mas atrelados a elas e direcionados para a justiça social, emancipação dos povos e construção de autonomia. Não pretende-se, com isso, negar a relevância do conhecimento desenvolvido nas universidades, mas não tomá-lo como único e exclusivo, muito menos como o preponderante. Não pretende-se com isso, também, buscar uma homogeneização das comunidades articuladas, mas desenvolver coletivamente um senso do comum – do cuidado com nossa ‘casa comum’, de justiça ambiental e de luta contra todas as forças de opressão, cada qual através de suas especificidades e localidades. (Texto coletivo elaborado sobre a Multiversidade, 2018).

A Comkola é um embrião, uma semente, um galho, um ramo da Multiversidade, pois trabalhamos ali com as vivências. Na escola, uma temática que eu queira trabalhar, eu tinha 45 minutos para dar a disciplina. Logo, eu precisava sair correndo e ir para outra turma. Lembro de fazer estágio pela manhã e de tarde fazer as vivências.

“Dar aula” em outra lógica, vamos pensar assim, dentro do território, na Comkola, é outro universo. Além de trabalhar Sociologia e Antropologia eu trabalhava a Medicina da Terra: trabalhar as ervas, trabalhar o céu, as estrelas, a relação da química, da física que está presente quando eu macero a erva. Algo que eu gosto muito. E brincar com isso, fazer jogos sobre os Orixás, sobre as ervas medicinais. Fazer da vivência algo prazeroso, algo que colocamos o saber e o fazer juntos. Trabalhar teoria e prática, construir junto com o “estudante”, com o educamado como chamamos aqui na Comkola. Algo muito diferente do que ter que cumprir 45 minutos em cada turma, correndo. Caso eu quisesse fazer mais, eu não conseguiria, pois tem que ser como a escola quer. A Comkola tem outro parâmetro. Ao mesmo tempo em que eu estava dentro da Universidade me preparando para ser uma professora de Sociologia.

O estágio docente foi uma experiência muito rica, mas foi algo que me deixou muito pensativa. Ali começam essas divergências, esses contrapontos entre a Universidade e a Multiversidade. A Comkola, para mim, faz parte da Multiversidade. E o estágio docente está

vinculado à escola, ao Ensino Médio com os jovens. A Comkola, a Multiversidade, é um saber-fazer, um encontro de saberes, porque a Multiversidade é o encontro de saberes. Na Comkola estou junto com mestres, que são os educamados, dos cinco anos até os maiores, que me ensinam mais do que eu estou ensinando, pois estamos trocando, dialogando.

A Universidade faz isso conosco, que precisamos aprender todos os dias como fazer. Somos cheios de normas e regras quadradas, que não nos deixam à vontade. É um turbilhão de coisas dentro de nós, pois a educação sempre foi algo que dá o alicerce para seguirmos. Nossa Yalasè sempre fala sobre isso, sobre como a educação foi a porta que ela encontrou para fugir da pobreza, da ignorância, da violência, para pensar outras formas de sobreviver. Formas de driblar o capitalismo, como capoeirista que precisa saber qual o jogo de dentro e o jogo de fora.

A Multiversidade, por sua vez, faz o chamado para quem está dentro da Universidade compor um sonho junto. Esse sonho em que reunimos povos tradicionais de diversos lugares. Trabalhar com esses povos, dialogar, fazer com que isso seja real. Mas que nós não nos tornemos reféns da Universidade. A Multiversidade não pode se tornar refém. Ela tem que trazer a Universidade para dentro. Trazer para dentro quem da Universidade quer fazer algo diferente, que pensa algo diferente, que respeite os saberes-fazer, esses encontros de saberes, encontro de vontades dos povos de fazer juntos. A Multiversidade foi essa porta que se abriu para dialogarmos sobre os nossos territórios, sobre nossas espiritualidades e nossas temporalidades que são totalmente diferentes da forma como a Universidade quer impor com quem está dentro.

Na Multiversidade queremos dialogar com as vivências, com os ofícios. Vamos dialogar, mas também fazer com eles. Por exemplo, cada um trazer o seu canto: qual o canto que tem a ver com a identidade dos povos? Acredito que é isso que a Multiversidade tem de diferencial. Porque a Multiversidade faz com que trabalhe com o que Paulo Freire trouxe: o esperar, o dialógico, a roda, os saberes trocados embaixo da árvore, onde um galho tem importância, onde a terra tem força, onde ela compõe com o nosso saber, ela não está distante dele. Onde as pessoas precisam ser ouvidas e respeitadas pela sua trajetória.

Se isso fosse ouvido dentro da Universidade, talvez... Acredito que alguns professores deem esse abrigo, deem a mão para orientar sobre os temas que se quer falar, ajudar na escrita que esteja sendo composta. Mas também ajudar para, como você traz Folaiyan, ter a benção para mexer na escrita do outro, benção para compor essas coisas com mais tranquilidade e não

invadirmos os processos do outro. Sinto que a Universidade faz um pouco disso, invade os nossos processos.

Escrevemos de um jeito e querem que escrevamos de outro. Muitas inquietações me atravessaram dentro da Universidade. Será que a escrita não está boa? Será que esse movimento não está bom? Como dá para compor de outra forma, de outro jeito, para que nós não desanimemos, não percamos o rumo, o propósito? Aquilo que nossa Yaba Ancestral nos orienta é aquilo que nós nos embretamos em fazer. Como se tivéssemos que desbravar uma mata e que essa mata talvez seja nós mesmos.

Mãe Preta orientou fazer o mestrado e eu fui fazer na Antropologia e na Educação. Na Antropologia, tentei e não passei. Volto para fazer na Educação e eu quase entro, mas não entrei. Então dou esse tempo para terminar a Licenciatura e vem novamente a orientação de fazer na Antropologia na UFAM.

Eu não tenho experiência com a escrita de artigo e nunca me ensinaram a escrever artigo na Universidade. Eu escrevia trabalhos, mas ninguém ensinou a escrever artigo. Mas, a partir de agora, eu começo a pensar a escrita para artigos com essa conversa com Folaiyan. Sou muito feliz de conseguir completar o bacharelado, hoje estar completando a licenciatura e ter um mestrado em vista.

As orientações que Mãe Preta traz tem um propósito. Com a Licenciatura, foi para eu me preparar para ser alguém que possa estar dentro da Comkola, trazendo esses saberes. Afinal, vou fazer vivências dentro do território e trabalhar com essas forças que a Multiversidade constitui. Tal como quando fazemos as vivências dentro do Arakitembo Ti'Ossãe²⁰, dentro do Akotirene Kilombo Ciência²¹, laboratório de afro-astrofísica, quando se está fazendo com eles o movimento de trabalhar a marcenaria, a padaria, a agroecologia. A Yabace, também Ya da Comunidade, trabalhando o processo de poder alfabetizar com a magia das letras e das diversas linguagens, tal como com a linguagem que é trazida dentro do território pelos Orishás, pela nossa Yaba ancestral Mãe Preta, pela nossa Yalásé. Vamos aprendendo e vivendo essa experiência.

²⁰ Espaço sagrado de cuidado e zelo com as ervas medicinais.

²¹ Um projeto que atualmente já faz parte das vivências na Escola Comkola Kilombola Epê Layiê estimulando as/os jovens estudantes a ocuparem os campos das Ciências Exatas, provocando um diálogo sobre gênero e etnia, sobre ciência boa que está dentro dos kilombos, realizado com o apoio das Escolas do município e do estado, do Fundo Elas, Museu do Amanhã e do Observatório Astronômico da UFRGS.

A Universidade traz coisas muito boas, professores que conhecemos, que nos auxiliam, quando tudo parece estar perdido. Eu acredito nessa potencialidade de que a Universidade faz nos empoderar. Nos empodera para nos trazer para dentro do território. Por isso, a orientação espiritual é para fazer essa conexão. Sabemos o que estamos fazendo, não estamos perdidos pensando no que fazer depois de sair da Universidade. Eu já sei o que fazer porque eu já faço. Antes mesmo de entrar na Universidade eu já fazia. Fui para o secretariado executivo para termos uma Ekogestão com a nossa cara e nós temos agora. Algo comunal, construído junto. Isso é muito importante, muito rico, muito belo, nos traz outra condição.

Trabalhar com as crianças na Comkola também. Trabalhar com astrofísica, com a medicina da terra, com as estrelas, com o céu, com a identidade, nós enquanto povo negro, enquanto meninos, pois a maioria são meninos na Comkola. Há os jovens que também fazem as vivências dentro da Comkola. Por isso digo que é a semente da Multiversidade. Mas isso não faz com que a gente se afaste da Universidade. Precisamos saber quem somos dentro da Universidade e eu sou uma mulher, uma Yakekere, sou uma mulher de axé, sou Ómò Ayó Òtunjá. Sei o que fazer na Universidade e o quanto ela traz possibilidades para acessarmos coisas, pois nos levam a acessar outros universos, conhecer pessoas, como pude conhecer também um professor indígena se preparando para dar aula na escola da aldeia! Ele esteve conosco no Okan Ilu²² e nós, enquanto comunidade, estivemos na aldeia dele. Isso faz com que nós componhamos juntos, com um propósito muito aceso, aguerrido, de desbravamento, de criar junto.

A Licenciatura me ensinou a fazer um Plano de Aula, o que chamamos na Comkola de um Plano de Vivência. Ensino de nosso jeito de ser e viver a relação dentro do território. Trata-se de estar dentro da Universidade para trabalhar a Multiversidade e a Escola Comkola Kilombola Epe Layie. Sonhando, compondo junto, com Folaiyan e com outras pessoas que estão na Universidade. A Multiversidade faz com que, a cada dia, nós aprendamos a pensar essas parcerias, esses encontros. E, principalmente, é um espaço de encontros de trocas de saberes de diferentes povos, próximos e distantes, onde possamos atravessar o mar daquilo que nos trava, daquilo que não nos deixa chegar próximo dos parentes, dos povos.

A Multiversidade nos inspira a sonhar e fazer projetos. Não queremos um espaço fechado, mas um espaço aberto para tudo e todos. Sonho que a Multiversidade possa ter várias

²² Ritual de celebração em reverência aos tambores sagrados, que ocorre sempre em dezembro.

sedes em vários lugares, que possamos nos deslocar em um ir e vir. Talvez um trem da alegria, um transporte da alegria. Um meio que nos comunica, que nos conecte.

Referências:

ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Território da Linha Cruzada: a Cosmopolítica Afro-Brasileira*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2006.

DAVID, Cláudia Rocha. *Etnografia da infância e vida em comunidade: brincar e aprender*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

FLORES, Luiza Dias. *Ocupar: composições e resistências kilombolas*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos – modos e significações*. Brasília: AYÔ, 2019.